

Poemas

Seleta e outros poemas

2005

Neucivaldo Moreira

Seleta e outros poemas

Neucivaldo Moreira, 2005

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. ESTA
PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER REPRODUZIDA, NO
TODO OU EM PARTE, POR QUAISQUER MEIOS SEM A
PRÉVIA AUTORIZAÇÃO DO AUTOR EXCETO QUANDO
PARA FINS DE CRÍTICA E RESENHA.

1ª Edição, 2005

Seleção de Textos: Vivian Moreira
Projeto Gráfico: Anderson Guimarães

Catologação na Publicação

M835s Moreira, Neucivaldo
Seleta e outros Poemas Santarém
, 2005.

129 p.

ISBN:

1. Literatura Brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável: Zélia Alves Gonçalves
CRB-2 821

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um.

Tudo o que lemos nos marca.

Como outros atos de linguagem, a literatura dá existência ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não-existente para cada um. Mas - e isso é fundamental ao mesmo tempo que a literatura cria, ela também aponta para o provisório da criação.”

Marisa Lajolo

Para Bianca e Vinícius Moreira

Depoimento I

A poesia não é o verso, a estrofe, a rima, a trova ou o poema. Além de na literatura, ela aparece na música, nas artes plásticas, na fotografia, no cinema ou num simples gesto do ser humano. Quem escreve um poema procura, com as palavras, dar idéia desse sentimento ou intuição, que o ser humano carrega dentro de si para ver as pessoas, as coisas e os fatos. Para mim, que já escrevi os meus poemas e até já tive a ousadia de tentar fazer poesia de textos de Dalcídio Jurandir, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, falar de poesia e de poemas, é muito difícil.

Não sei julgar a poesia e os poemas. Falo dos que gosto e dos que não gosto. Talvez seja essa imprecisão da poesia, essa falta de não saber de onde ela vem, que me dificulte entrar nas correntes de alguns críticos ou analistas, que arrumam uma porção de palavras esquisitas, para se reportar aos poetas.

Mas, no caso dos poemas de Neucivaldo Moreira reunidos nesta Seleta e Outros Poemas, tenho que dizer que gostei. Principalmente, pela forma que ele encontra de sentir detalhes, idéias fugidias que só os poetas podem verbalizar. As palavras em frase e em poemas formam momentos, que passaram, que existem, ou que ainda podem existir. No momento em que estamos vivendo, a síntese poética de Neucivaldo Moreira, está de acordo com a velocidade de pensamento e

de ação que envolve toda sociedade de uma hora para outra. A única coisa que posso afirmar, é que encontrei a poesia nesta Seleta e Outros Poemas.

** É autor de "Verde Vagomundo", "Maria de todos os rios", "Aquele Um" entre outros.*

Zair Henrique*

Depoimento II

Barreirinha, Amazonas, em 27 de janeiro de 1995, o rio remanceando, os botos saltitando elipticamente e eu não sabia o que perguntar ao poeta. De repente uma “*Tormenta*” tropical: raios, trovões, ventos forte e explode a mais banal e enigmática pergunta a um poeta.

- O que é poesia ?

A voz calma com 69 anos responde: “*Da poesia não poderei, jamais/ me separar: ela nasceu comigo, aconchegada no meu ser: um Dom/ é todo o azul que tenho, é quem me dá/ explicação para o que não se explica.*”

É verdade, tanto suor para escutar que não há explicação para o inexplicável o tempo é o senhor das respostas...

Prezado leitor “**Seleta e Outros Poemas**” responde há décadas de questionamentos, afinal: “*O tempo é já/ Onde jazem os desejos que não recebem explicações/ Certeza de desejo retraído*”.

Hoje o tempo me faz entender que não importa a rima rica, rara, o alexandrino, o conceptismo, e sim a capacidade de dizer tudo em poucas palavras, pois a vida é um Desencontro: “*Na vida e no amor é assim:/ Uma flor se abre no jardim,/ Outra morre no coração*”.

É isso ! poesia é a capacidade plurissignificativa das palavras, poder de criar metáforas inusitadas, imortalizando-as “*teus*

olhos embaçados são como/ a manhã cinzenta que espera a chuva.” A poesia é a imortalidade dos “*mundus Vivend*” do homem-poeta, uma vez que, ele é o criador e o (re)criador das pessoas, dos atos, átomos e sentimentos: “*Gosto de sentir tua pele/ alva,/branca,/lis,/flor-de-encanto !*”

E assim mundo afora o poeta vai mantendo seus “*Voyelles*” e “*Consornes*” para aumentar o enigma da comunicação poética como nos poemas “*Olhadela*” e “*sono poético*”.

Entendo finalmente que para compreender o que é poesia é preciso escutar conselhos dos mestres: “*amai para entendê-las !/ pois só quem ama pode ter ouvido/ capaz de ouvir e de entender poesias*”. Além disso, o exercício de leituras de belos poemas para que amanhã converse com minhas emoções - “*enquanto as nuvens passavam*” o meu “*eu, profundo*” - foi embebedando-se nessa porção mágica dos deuses que é a poiésis.

E o estilo do poeta ? o verdadeiro poeta não tem, afinal ele é o Prometeu dos homens e sua obra tem a marca da atemporalidade.

Poeta ! lembrás da tua dor: “*preciso fazer um poema / que não seja ilusão,/ que não seja sufocação*”.

Não precisas mais chorar ele(a) nasceu, saiu o grito “*é tudo,/ é tudo/ é vida/ Vida ! É poesia*”.

Bendito és tu, poeta Neucivaldo, entre os homens.

*Professor mestrando em Estudos Literários.

Edvaldo Bernardo*

Depoimento III

A obra de arte fala o inevitável, cultiva a sensibilidade, para que o sutil possa ser visto, o secreto desvelado. Em resumo, a arte nos ajuda a conhecer o que não podemos articular.

Assim, produzir arte é expressar estados subjetivos, coisas incontidas na matéria, mas borbulhantes no abstrato, onde só uma sensibilidade perceptiva é capaz de transformar um real físico num real poético.

A arte, aqui, expressa, apresenta as várias fases da vida, do amadurecimento do poeta Neucivaldo Moreira. Não que se detecte um crono longo, mas porque lemos poemas de “*eu, profundo*”, sua primeira experiência editorial, passando por “*enquanto as nuvens passavam*” poemas de um lirismo mais universal, daí vai a “*Sentimentalidades*”, onde apresenta um eu lírico mais questionador, mais crítico das suas realidades sentimentais em relação ao homem e ao mundo. Finalmente, seu crono presente, fragmentos de realidades interiores. Realidades estas que, às vezes, não se percebe na expressão do outro, mas sim na percepção com o outro como forma universalizante do estar, do ser. Assim, são os seus últimos poemas. Fragmentos de subjetividades, de emoções.

Os poemas de “*Seleta e outros poemas*” trás essa carga transitória de qualidade das obras de Neucivaldo Moreira, que foi capaz de captar estados únicos na vida cotidiana do mundo-ser, - “*teus olhos embaçados são como a manhã*”

cinzenta que espera a chuva” - , materializando a poesia por meio da multissignificação das palavras ornadas para expressar sentimento.

Ganha-se, aqui, mais uma obra artística literária, que já vai fazer parte do acervo cultural da região, possibilitando aos amantes da leitura de arte poética mais uma opção de deleite e reflexão sobre a vida, o mundo e sobre nós.

*“amor constrangido
é casulo fechado
é borboleta perdida”.*

Éfrem Galvão*

Depoimento IV

Gastei hora e meia ou pouco mais, literalmente "bebendo" a poesia desses poemas do Neucivaldo. E, quando acabei, por quase outro tanto fiquei pensando que, se hoje julgo música e poesia como as mais belas coisas que o ser humano pode produzir, isso foi o resultado das escolas e professores(as) que tive. No Grupo Escolar Frei Ambrósio, na bela e empostada voz da Ida Picanço (ai, que velha paixão!), ouvi Castro Alves e Casimiro de Abreu; depois, no Ginásio Dom Amando, o saudoso Padre Manoel Albuquerque nos enchia a cabeça e alegrava os corações com Camões e, também, com suas próprias obras poéticas.

Após isso, já fora da escola, ocasionalmente li algum trabalho poético, normalmente de Silvério Sirotheau, Jônathas Almeida, Felisbela Sussuarana e Antonieta Teixeira. Um pouco mais tarde, conheci a poesia do Emir, Nicolino, Damasceno e uns poucos. E, depois, o silêncio. Aliás, veio o barulho imenso que criou o vazio cultural na região e em quase todo o país. Passamos a importar cada vez mais o lixo cultural, vindo por Rio ou São Paulo, mas de matrizes exteriores. Vieram o Bolsilivro de Faroeste, o Rambo, o 007, os filmes pornô, as revistas cujo assunto recorrente é a roubança dos políticos e assemelhados, veio a Playboy americana, depois a brasileira e toda quinquilharia barata cujo grande mérito é nos tornar vazios, burros e violentos... Ou estou errado?

Contudo, mesmo tendo de competir com

toda essa porcaria que pouco tem a ver com nossa cultura, alguns sonhadores ainda conseguiam produzir e, incrivelmente, imprimir literatura, especialmente poesia. Mas os poemas de Rui Barata e Apinajé já tinham sido impressos há muito tempo quando consegui ler. Belos, o melhor que lera até então. Mas, isso ainda era pouco!

Entretanto, desde os meados dos anos noventa, nos grandes centros e mesmo em cidades interioranas, as pessoas começam a enjoar do Senhor da Argola, da Senhora dos Anéis, da novela de vaqueiro americano, dos Mini Brothers e de ficar olhando os bumbuns que a mídia oferta... Talvez essa última parte até que seja bom, mas para tudo tem sua hora.

Então, para quem não quer tornar-se um alienado cultural e sim alguém que pensa por si próprio, talvez seja o momento de começar a trocar os penduricalhos de "nove-e-noventa-e-nove" por coisa e produto nossos. Talvez até seja o momento exato de ver, ler e sentir a belíssima poesia do Neucivaldo Moreira.

Duvido, duvido mesmo, que qualquer um que leia o primeiro poema do livro consiga largá-lo sem antes ir mais adiante. Pode apostar.

Lauro Roberto*

Depoimento V

Nos versos do poeta Neucivaldo falam vozes de mundos infinitos, íntimos; branda a alma lírica em vitrais. Ecoam sons de corações múltiplos, de amores distintos, de um homem também múltiplo confundido com a dispersão universal. Do homem que é emudecido pelos arroubos da fala, nasce, na poesia, a grandiloqüência.

Imagens de mundos ínfimos à deriva, frouxos, perpassam sem nós os versos de “Descaso”. As formas unas e indivisíveis do amor-átomo aglutinam as matrizes múltiplas do sentimento universal.

O laço magno que une os homens e ungeos de um sacrossanto milagre, ata, prende, sufoca e respira tranqüila e serenamente a alma lírica do pater-poeta em “Poema para Bianca”.

Em “Desencontro” mais se lê desencanto. Nesta vertente, o poeta confirma o vaticínio feito, ainda no ventre materno, para todos os seres. A poesia é um desencontro, posto que representa o ritmo descompassado do indatável devir.

Em “olhadela”, o poeta invoca o eterno sentido. Os olhos, já a muito, ditos janelas da alma, compõem na obra de Neucivaldo um multicolorido prisma, de onde defluem inusitadas imagens.

Em “Sono poético”, o afã de celeridade e condensação do mundo sensorial da poesia são apanhados de chofre em um poema-flecha, disparado rumo ao silêncio do papel, em branco, de

onde rugem as vozes ventríloquas da poesia.

É eterna a argüição gnosiológica do ser sobre seu próprio existir. Em “Quem somos”, fundem-se em um mesmo tempo o ser o estar e o vir a ser, em uma poesia dinâmica, capaz de apontar que sentimento é, dialeticamente, o movimento e o móvel da transformação.

O lúgubre, a noite, a cidade em suas múltiplas formas, a nudez obscura do homem, a poesia moldura, o encômio para o amigo jacente, o fraternal, o maternal, o filial...tudo confundido em um jogo mórfico enleia o leitor que despende em “ Seleta e outros poemas ” prazerosos instantes de companhia e solidão, porque enamorar-se da poesia é uma antítese; é um estar acompanhado/só.

Índice

Poemas inéditos

| | |
|-----------------------------|----|
| Descaso | 35 |
| Poema para Bianca | 37 |
| Elegia | 39 |
| Desencontro | 41 |
| Tristeza | 43 |
| Sem destino | 45 |
| Olhadela | 47 |
| Recusa | 49 |
| Saudade | 51 |
| Sono Poético | 53 |

Do livro "Sentimentalidades" 2001

| | |
|------------------------------|----|
| Visões | 57 |
| Amor do impossível | 59 |
| Quem somos | 63 |
| Veleidade | 67 |
| Tormento | 69 |
| Sentimentos | 71 |
| Meu querer | 75 |
| Sentimentalidades | 77 |

Do livro "Enquanto as nuvens passavam" 2000

| | |
|------------------------------|----|
| Noturno | 81 |
| Lua nua | 85 |
| Louco amor. | 87 |
| Disfarce | 89 |
| Espelho | 95 |
| Poema de despedida | 99 |

Do livro "Eu, profundo" 1999

| | |
|------------------------------|-----|
| Paixão | 105 |
| Diário Borari. | 107 |
| Combinações no vago. | 109 |
| Tédio | 111 |
| Podres versos | 113 |
| Urbano. | 115 |
| Obscuridade humana | 119 |
| Retrato | 123 |
| Poema para Vinícius. | 127 |

Poemas inéditos

*Para José Bentes de Sousa e Olindo
Neves (in memoriam)*

Descaso

Quando o amor fenece
Nas veias escorrem os desejos recusos
Um expurgo do envaidecimento humano

Sangra o corpo !
A sangria do amor !
Dilacera a alma que o corpo dispersou.
Assim o amor vai

Assim o amor fica
Sem destino
Sem estrada
Amor desamparado.

Quando o amor fenece
O medo é virtude que substitui a coragem.
Pelos olhos, luzes de vaga-lume,
Refletem timidez e dúvida.

O tempo é já
Onde jazem os desejos que não recebem
explicações
Certeza do desejo retraído.

Na sangria do amor
Esfola-se o sonho carnal
O sangue coalha, hematomas na alma,
Inflama-se um véu fosco rancoroso
Nódoa no coração.
Ver-se que o amor é descaso, descompromisso...
Um barco à deriva. Sentimento errante.

Poema para Bianca

Gosto de sentir tua pele
alva,
branca,
lis,
flor-de-encanto.

Comove-me o teu brilho
Domina
Conduz menina,
Luz serena,
luz divina.

Preciso me refazer para te seguir
Agora és tu quem me guias
Que mostra os caminhos da sensibilidade.

Ouçõ tua música ilustrar meu riso
Das noites em claro
de olhos pregados na tua candura
Sentido na alma de paz.

Nos teus gestos soltos
Revejo as lutas, duras batalhas maternal,
uma eterna ternura que se realizou.

Bianca,
Lis,
flor-de-encanto
Luz de maio. Ser luzente no jardim.

Elegia

Para Osvaldo “ vavá ” Cunha in memoriam

O que sentimos ?
Fixemos nosso olhar no olhar de uma flor.
Qual seria a sensação ?
O sentimento ?

Dos olhos escorre lágrima.
Das flores escorre mel.

O que sentiríamos se misturássemos lágrima e
mel ?
Talvez poderíamos sentir algo.
Viver algo.
Morrer algo.
Como se a lágrima sorvesse ou servisse alegria
ou tristeza.
E o mel; doce ou amargo, seria a vida no instante
que se torna a morte ?
E a flor ?
Para desabrochar ?
O que ?
A lágrima ou o mel ?
A vida ou a morte ?
Da vida se descobre que ela é passageira;
E a morte nossa eterna companheira, a viagem.

De quem vai, só a imagem !
E quem fica ? !
Fica com a lágrima e mel, nos olhos e na flor.
Transformada em dor.

Desencontro

Na vida e no amor é assim:
Uma flor se abre no jardim,
Outra morre no coração.

Tristeza

Teus olhos embaçados são como
a manhã cinzenta que espera a chuva.

Sem destino

Amores perdidos são caminhadas perdidas.
Caminhadas perdidas são destinos que não foram
definidos.

Olhadela

Ah ! o teu olhar !
é chama rutilando o confuso desejo.

Recusa

Amor constrangido
é casulo fechado
é borboleta perdida.

Saudade

Amar de longe é muito gostoso...

Sono Poético
Para Nelson Vinencci

A b c d e f g...z z z z z Z Z

Do livro “*Sentimentalidades*”
2001

Para Irene Escher e América Mota

Visões

Vi !
Vi você sair de ti
Vi seus olhos
Vi sua alma
Vi o seu olhar hostil
Vi o seu partir
Vi a viagem sem destino
Vi o seu desatino
Vi seu olhar renitente

Vi !
Vi a tarde ser engolida pela noite
Vi o horizonte engolir a lua
Vi meu sonho me acordar
Vi meu coração desordenar

...
Vi !

Amor do impossível

Quem é ela que exala dissabores
repele tons de rancores,
perde-se pelos rastros confidenciais do desejo
cisma do sossego da flor,
num olhar falaz de paixão ?

Quem é ela
do fascínio arrogante
do incerto fado do coração.

Santo ranço das nuvens cinzentas !
Santo pranto da sua inocência !
Santo Santo das decepções !

Indolência.
Temor...

É ela
É ela
que vibra nos destinos da noite assombrosa.
Vaga

Vaga
Vagueia

Vaga-lumes e sons...
Desata em tremor com a friagem da lua,
cores desbotam as estruturas da poesia do nada,
da poesia do infinito, da poesia do psicodelismo,
da poesia do amor impossível.

É ela
É ela
que despista odores de pudores indiscretos e
canta a tristeza vertendo dos olhos águas na
manhã.
Penso que ela está triste

Hora de partir
de fazer ela sair detrás de si.

Santo ranço das nuvens cinzentas !
Santo pranto da sua inocência !
Santo santo das desilusões !

Quem somos

Não somos mais os mesmos.
Somos dois transfigurados,
modificados !
Necessitados dos interesses e das utopias.
Somos sermões,
jargões imóveis nos sentimentos.

Somos sofrimentos nos destinos cruéis do
desânimo.
Ignoramos a liberdade !
Estamos presos, encarcerados nas brumas da
paixão.
É o amor zombando de nós, em nós, em nós !
Somos as amarras.

Somos lamentações das ilusões indiscretas.
Fugimos dos nossos desejos, da coragem do
amor.
Confinamos com a solidão.
Temos que recomeçar.
Somos recomeço ou tragédia ?
Somos vírus !
Distanciados e próximos.
Somos conjugados !
Subjugados pelo despudor do rancor.
Somos enamorados, apaixonados,
desencorajados das nossas razões.
Razões ! ?
Somos a dúvida e a certeza num mesmo mundo.
Mundo do dizer adeus,
Mundo do calor e do frio,
Mundo das diferenças,
Somos a essência do inexplicável que se explica
pelos nossos beijos e sussurros.

Somos a descoberta e seu sepulcro.
Somos.

Veleidade

Refaz-se em penas !
Em asas,
sonhadora.
Flutua endeusada de melancolia.

E voa...

Rasgando o céu aberto
Abraçando sóis.
Em brilhos do esquecimento
Seu tormento versificado.

E voa...

Venturosa entre nuvens tristes
e aniquiladas com seu descontentamento insólito.
E voa ...

Vê como a luz te obscurece,
Cesse a solidão que te emudece.
Nos ares solta, como nos meus versos sofres.
E voa ...
E soturnamente entre meus pecados pousas pelos
seus vestígios.

Tormento

A alma no esquecimento enlaça
Os novos tempos das lamentações.
Fito o ódio das escusas eras,
Passadas fontes de inspirações.

É um tormento engasgar os versos;

Tropeço no perverso eco da dimensão ilusória,
Nos caminhos ocultos do medo do sonho.
Sou estória e a escória,
No tormento da alma.

Parece ser o último grito da sagração adversa
Expressando anseios num remanso flageloso
Dum coração revoltado e solto
Num losango que vulcaniza a dor no fosso.

Sou a alma atormentada e fria
No desprezo de sugestão de amor tardia.

Sentimentos

Com o lirismo envergonhado,
Busco na noite distraída,
A ilusão do consolo.

De súbito,
Nos gracejos desvairados,
Esbarro;
E na solitude amiga repouso.

E sigo num soluçar
 E sigo num soluçar
 E sigo num soluçar...
É um sonho !
 Soluçar entre os astros.
As estrelas se apagam,
 Confinam-se,
Na minha solidão.

Imagine a dor no sentido da vida,
Do despertar,
 Do urgir,
Do acordar,
 Do... buscar !
Na precisão do amor desavergonhado,
Em noite de estrelas,
 Capituar !
Poetizar a distância dos teus olhos,
Oblíquos,
 Dissimulados,
E você tropeçar nos meus versos,
 Nos meus desejos,
Pela manhã.
Pela manhã,
 Despertar !

Atravessar,
Desfigurar o verso,
A rima,

O verbo.
Esquecer a solidão,
A distância,
O sono e o sonho,
Sentir paixão.

Meu querer

Não quero te ferir nos meus sonhos
Quero os teus pesadelos, sinto que tens,
Para melhor te entender.

Quero ser o rio que escorre nos olhos dos
infelizes.
Quero a paz do teu olhar, do teu rosto, dos teus
cabelos divinos,
Que esvoaçam na minha imaginação amorosa.
Não ser luz, mas a escuridão que esconde os teus
sentimentos.

Quero ser a nuvem que te protege.
Quero ser a sombra que você produz.
Quero ser teus mistérios.
Quero ser o teu momento noturno.
Quero ser o teu estar de apaixonada
Quero ser a tua saudade no partir do teu amor.
Quero ser as lágrimas que vão regar as flores do
teu coração.

Sentimentalidades

Vão-se as dores, os rancores, os odores, os
amores, os rigores pelos caminhos abstratos
Conduzidos nos braços serenos do destino
Braços que carregavam a esperança dos sonhos
de amores arredios
Numa realidade pirilampa que ofusca o limo do
sentimento.

É partida
É partido
É ilusão
É fato consumado
É campo-santo para o coração !

Mas vão seguindo agora sob o manto das
inquietações
Ouço um grito inocente e pálido, lá-bem-lá,
Penso ser coisa séria
É diz-que-diz do inconsciente,
Curiosidade de paixão.
Lastimação no túmulo das sentimentalidades.
Expurgar o espúrio da espera-crendices,
cabalismo danoso à intuição.

Nada ostenta o desequilíbrio
Nada ostenta o equilíbrio
Nada lava a lava da repulsão

Sentimentalidades, campo-santo para o coração.

Do livro “*Enquanto as nuvens
passavam*” 2000

*Para Oci Martins e Odenildo Sousa,
parceiro em “Disfarce”*

Noturno

Vou te seguir pela noite:
Desvendar !
Adulterar !
Desesperar !
Saciar !
Fazer feliz !

A libido nos esconde.

E no silêncio da noite,
Sussurro dengoso,
Olhares brilhantes
Estrelas no céu;
Cabelos ao vento
Delírios com a lua
Lençóis amassados,
Excitação.

Enquanto o amor anoitece !
É uma. São duas: chamadas de amor.
Furor.

Do desejo noturno,
Corre o cometa,
A estrela que cai, atende o pedido,
Estou perdido,
Revelação.
Satisfação.

Na noite, navego em ti
... nauta da narcose
nela, nada me é negado
nem meu não.

Flutuo preso em mim mesmo,
Nesse sopro da sensação suave
Sem a pressa de um beija-flor que paira na
emoção,
... tentação.

Deparo-me em ti
Tua pele noturna
Conduz-me ao abismo do ardor da tua
insinuação.
Nosso êxtase eridescente deixa a noite clara,
Desesperada, enciumada,
Não consegue entender
...devaneio ?
consustanciação.

Nada mais me prende
Nem as tuas mãos.

Sou notívago
Vago em tuas ruas ensombradas e mergulhadas
em minha única dimensão.

O amor anoiteceu em mim
Perdeu-se
Encontrou-se,
Na amplidão.

Lua nua

Rainha lua que o desejo esconde.
Medo falso e sedução ardente.
Brilho intenso no horizonte é fonte.
Frágil chama, convulsão clemente.

O medo estanca a vontade oculta,
O tempo ingrato da aspiração.
Arrependimento que a razão insulta,
Ato incrédulo, a tentação.

Sonhar é dançar com a esperança,
Mesmo que a imprudência resulte em sofrer.
Amar é esquecer a anterior andança.
É viajar nas ondas do prazer.

Angústia é pensar na sonolenta distância,
Sensação que mais nos aproxima,
Estado puro que instala a ânsia,
Aliança cega que instala a estima.

Não desistir da inquietude,
É sofrer com a insistência.
Vejo a plenitude,
Em ato de clemência.

E sigo escrevendo versos enlutados,
Como quem chora um novo luar.
Mas os desejos confundem-se com os astros
ofuscados,
Perdidos, tontos, loucos para amar.

Louco amor

O amor bateu em minha porta,
Foi entrando, entrando...
Tomou conta de mim.

Sinto desejo,
Formação das flores, nova estação,
É primavera, paixão.

A brisa toca no rosto,
O amor navega nos rios,
Corre as estradas,
Corre perigo,
Provoca loucuras,
Tantas curvas...
Acaricia.

A pele suave recebe os toques das mãos;
A macia aspereza da língua toca o lado esquerdo,
O direito, com a suavidade da melhor sinfonia.

Campo florido,
Rola-se no chão, os espinhos já não ferem.
As flores,
Acariciam.

Outro beijo, desejo.
Outras loucuras...

O amor bateu em minha porta,
Foi entrando, entrando,...
E se perdeu.

Disfarce

Preciso te encontrar,
Desvendar teu disfarce.
Abraçar-te.
Olhar nos teus olhos,
Intimidar-se.
Dar-se ao teu disfarce.
Serei obsceno.
Tentador.
Ousado...

Preciso te encontrar !
Disfarçar a coragem,
Estancar o medo.
Pegar em tuas mãos,
Tatear de desejo.

Preciso te encontrar !
Diz, face, onde estais ?
Preciso dos teus cabelos,
Agarrar-me no seu brilho,
Inconfundível,
Que sobra do seu disfarce.

Seu disfarce produz escuridão em outros olhos.
Encandeia.
Incendeia....

Preciso te encontrar !
Falar-te do meu disfarce,
Do meu amor juvenil.

Disfarce !
Fique como pedra fria recebendo um corpo
quente de amor.

Disfarce !
Xingue !
Ignore !
Sonhe !
Ame !
Fique muda !
Utilize seu disfarce !
Amarre seu sonho junto do seu ato.
Disfarce !
Abra os braços !
Abrace o vento, sinta-o.
Engane um disfarce !
Procure se lamentar, até chorar.
Mas cuidado, choro sem lágrimas pode não
servir como disfarce.

Disfarce !
Olhe as paredes !
Olhe o teto !
Fique sobre tudo !
Gaste meia-hora de seu tempo terminável.
Delire !
Grite !
Digestive !
Crie um novo universo !
Faça o que nunca fez antes.
Faça caretas, caretices,
Olhe para o espelho.
Finja que está doendo,
Faça caretas,
Faz parte do disfarce.
Mantenha-se ocupada.
Perca-se !
Quem sabe podemos nos encontrar em qualquer

traço errático do mapa !
Mas,
Disfarce !

Espelho

Onde está minha imagem, ó espelho ?
O que fazer com o sonho que ora é desespero !
O que fazer ?

Há tempos que a luz se esconde e você, espelho,
onde estou ?
Como posso esconder-me atrás dos olhares
desconfiados ?

Sempre reflete-me amor !
É preciso que me retorne.
Assim, quem sabe posso sentir o antigo elo:
tormento e emoção.
Sinto que o pensamento me distrai ou trai, não
sei, sei que navega, flui nessa vaidade do prazer.

O espelho que não responde !

A solidão, sinto-a como grande companheira.
Difícil é lutar com o medo, e, a alma fria nem
sempre esquentava a noite.
Talvez o espelho tenha perdido-me, assim como
a paixão, a fascinação.
Mas como esquecer se meu desejo é fogo
ardente?
Comoção.

Não, ó espelho, nem sempre somos a vergonha.
Há, de repente, um pouco de ódio.
Mas como fugir dessa estranha e distante
presença ?
Tenho que implorar..
Onde está minha imagem, ó espelho ?
O que fazer com o sonho que ora é desespero ?

O que fazer ?
Isso é persistência, impaciência ?
Meu erro.
Desespero.
Próprio meu.
Quisera que espelho fosse reflexão, paixão.
Quem sabe, perdão !
Ser invisível não é tão fácil, ó espelho,

E S P E R A Ç Ã O.

Poema de despedida

Vi o seu olhar mascarado,
Transformar-se em resignação.
O que fazer quando os olhos já não brilham ?

Talvez, hoje, as lágrimas não sirvam
Para cintilar a vergonha.
São os olhos vendados ? !
Talvez sim !
Talvez não !
A dúvida representa o tempo,
Ele ingrato da indecisão.

às vezes, é impossível não fugir do êxodo do
amor.
E quando se vai deixamos as rosas,
As flores, os jasmineiros...

Os olhos continuam vendados, próprios de um
amor de improviso.

Olhe para os jardins...
Não há flores,
Perfumes,
Ciúmes,
Como ser lírico em tempo sarcástico ? !

Sinto que o amor desfalece,
Perde seus degraus e não há como chegar ao
cume da paixão.
Difícil será ver a lua se vestir
Tudo é inesperado como a noite que não espera o
dia.
Já é tarde, e insistir em bater a porta do amor
pode ser inútil.

E a fuga é necessária, quando não há luz nem
espelho para se ver.

É bom não se apoiar em devaneio,
Ele embebe a alma e o corpo sofre...
E se despede.

Do livro *“Eu, profundo”* 1999

*Para Milton Corrêa e José Maria Pinto
Cruz*

Paixão

Linda,
como podes iludir-me de tal forma?
Como podes fazer-me sofrer?
Como podes, se é que podes, agir assim:
 Maltratando-me,
 Xingando-me
 Aborrecendo-me,
 Linchando-me?...

Teu olhar felino
Agride-me o sonho,
a paixão,
a ternura que se esvai...
Contamina-me por um vírus insólito
Tua arrogância me deixa gogue.
despido uma nudez carcerante, grotesca.
Lavada a alma, busco na lua a fantasia,
Paixão apológica fatal...
O sol atinge o meu perdão.
Espero-te.

Diário Borari

Zonas imprevisíveis.
Delícias que entranham.
Revivem, comprimem, desejo e canção.

O sol, na ilha, areias que brilham
e queimam em paixão.

Do peixe,
sabor inconfuso, difuso,
meu paladar, luar.

Agora, já tarde.
Saudade já,
Parte.
Mas, ...
mais, ... vou voltar.

Combinações no vago

O vago tormento da alma
sangra o ódio com a cor do absurdo.
Objetos da luxúria.
Almas do cão.
Violente ácido penetrando na carne humana.
Prova de cores que se infiltram,
O preto do medo.
O roxo da miséria.
O vermelho sangue impuro.
A droga inútil que ponteia o feto:
o ser humano.

Combinação multicolor da desgraça.

O vago tormento da alma
sangra o ódio com a cor da absurdo.
Objetos da luxúria.
Almas do cão.
Violento ácido penetrando na carne humana.
O ser humano.
Sem honra.
Sem espírito,
com medo do belo.
Conflito da incoerência com o absurdo.
O oposto.
O resultado é o homem.
Baldado, baldado, baldado...

Tédio

Olho para frente e nada vejo.
Tudo é escuro. A esperança não se manifesta.
A mente divaga num medo sem fim.
Tento despertar, nada atende aos apelos.
Meu sofrimento amplia-se num desespero
anormal. Busco dilatar meu sofrer.
A ingenuidade não permite.
A timidez não recebe coragem e as emoções,
sem forças, Tentam, mas a tentativa é em vão.
Grito !
O grito não chama a atenção. É desprezado.
Solidão.
Solitário entre quatro paredes,
Despido, a nudez é tudo.
Não consigo pensar. A cama é abandonada.
os pés, desconfiados, enfrentam o frio castigante
do piso.
Só a ilusão me comove.
Na angústia de encontrar-me cuspo o chão.
Alterno meu olhar, teto e chão.
No caminhar do pensamento, vejo nuvens que
escurecem meu desejo
Grito novamente, a nudez.
Não entendo meus gestos.
Esgotado, dirijo-me ao espelho, ergo os braços e
vejo meus punhos nas algemas do ócio.
Um drama.
Preso, tento me livrar. O espelho e a dor
aumentam.
São dez da manhã, estou na encruzilhada e a
endecha fica inacabada.
O tédio tomou conta.

Podres versos

Versos noturnos que transpiro em choro,
Loucura encantada da obsessiva vida,
males podres soltos na amplidão.

Tristes caminhos de sofrimentos maduros
que enveredam a mediocridade terrestre.
Desesperados corpos que abandonam o inferno,
Unem-se na linha do resgate.
Suplício.
Perdões soltos no além...

Lamúrios adormecem no caminho.
Sofrimentos humanos, arrependidos, buscando o
perdão.
O crepúsculo humano!
Tormentos coletivos. Sucessivos.
inocentes virgens estupradas.
A ignorância humana!
Dívida que na terra produz e reproduz sonhos em
pesadelos.
Repugnação dos deuses.
O preço etéreo.

Urbano

Ara
o campo
na noite
deserticamente
no mundo
animal.

Ara
Ara
que na manhã
é mais triste
pensar que existe
somente ilusão.

Ara
e sofre
com a dor
do homem
que sonho acordado
no alto desejo real
anormal, irreal...
próprio do ser.

Agora que aras,
nos ares sombrios,
cinzentos humanos,
descanso no luto,
urbano.

Agora que aras,
não corres perigo,
sozinho no campo
imenso da dor.

Ara
intensamente
intensamente!

em comunhão,
que embora arando,
o místico estranho
terrível cinzento
frio ébano
eito
com dor.
Aras
E irás Arando, Arando...

Obscuridade humana

Na calada da noite, meus olhos atentos vagueiam
na obscuridade humana.

Um brilho intenso insiste negar-se a visão,
a penumbra intensificada propicia uma dor.

Levo as mãos à cabeça, imploro resistência ao
Supremo.

A rua calma e nem à noite com seus mistérios me
amedrontam.

As estrelas magnetizam meu desejo.

A droga habitual, ausentada, faz-me pequeno
para suportar tanta beleza, a lua!

Zonzo, enfraquecido e desamparado, as lágrimas
inundam minha face.

Mas elas não confirmam a emoção.

Hoje, ganhei um presente. Mas que tristeza.

O muro caiu, mas a crueldade.

Chorei e sou forte.

A euforia dominou-se e não utilizei,

Talvez os últimos lixos do bolso, deixaram-me
preguiçoso.

Não trabalhei.

Bendita ociosidade!

E nada da treva humana pode alterar meu
silêncio.

Nada permitirá que os vermes secretem em meus
ouvidos.

Hoje, na calada da noite, meus olhos atentos
ainda vagueiam na obscuridade humana.

Um brilho intenso insiste em negar-me a visão,
a penumbra intensifica propicia uma dor.

A velocidade da máquina, a segurança do
segurança, enche-me de coragem

50, 60, 70, 80, 90, 100. . . são poucos
quilômetros para vencer meu desgosto.
O fogo é forte. As labaredas me sufocam. Mas
sou forte.
Durante tempos, agonizado, suporto o tudo e o
nada.
nas veias circula um líquido podre no corpo
fúnebre.
Recupero-me da agonia.
estou aqui marcado pelo homem.
Cicatrizado pelas leis que nos consomem.
Hoje, na calada na noite, meus olhos atentos
continuam vagando a obscuridade humana, e
chora.

Retrato

Pelas ruas, ensimesmado:

é amargo.

Retrato.

Três por quatro, a identidade.

Travesseiro, sarjeta.

Corpos sem cabeça.

E eu disparando “clicks”.

Retrato.

Ressaca.

Na noite todos os riscos.

Todos os sonhos. Desejos.

Vinhos, champagnes final de ano.

E eu disparando clicks.

Retrato.

Ressaca.

Cochilou, outra esquina.

Imagino o vômito jorrando no esgoto.

Crianças puxando na chuva,

Barquinhos vindos com Noel.

E eu disparando clicks.

Agora em close.

Ângulo fechado.

Mascarados, resinas, bílis.

Escravo.

Click.

Retrato.

Assim!

Click.

Triste!

Click.

Outra tristeza!

Click.

Sentado agora!

Revirando os olhos
Click.
Retrato.

Click.

Poema para Vinícius

Preciso fazer um poema
que não seja tormento,
que não seja lamento,

Poema, poema vida,
poema vivo, poema amor.

Preciso fazer um poema
que não seja pranto,
que não seja desencanto.

Poema, poema arte,
poema tudo, poema parte.

Preciso fazer um poema
que não seja ilusão,
que não seja sufocação.

Poema, poema ardor,
poema benção, poema amor.

Preciso fazer um poema
que não seja insônia,
que não seja.
Seja poema, poema mimo,
poema doce, poema nino.

Embalar sonhos e verdades.

Poema está surgindo,
ouço o sino tocar,
está a caminho,
não deve demorar.
É vida

Profunda como a dor do parto.
Está chegando...
O poema terminando.
Saiu o grito.
É tudo.
É tudo.
É vida.
Vida!